

entrevista

Manuela D'Ávila

1. Manuela, você que é a candidata mais jovem a presidência da república, teve uma importante atuação no movimento juvenil tendo participado da UNE e da UJS, foi eleita Vereadora e depois Deputada Federal muito Jovem alcançado grande notoriedade nacional. Mais recentemente você se tornou referência do feminista emancipacionista e um ícone da luta dos direitos das mulheres, inclusive como mãe que vai à luta parlamentar e popular muitas vezes com sua filha. Gostaríamos de saber quais as principais desafios enfrentados nessa trajetória e quais as lições recolhidas que poderão fazer a diferença numa gestão sua na presidência do Brasil??

Havia um época, no começo da minha militância, que eu acreditava que feminismo era assunto do passado. Eu já era militante, sou militante desde os 16, eu já acreditava que o mundo era desigual, que precisávamos lutar por justiça social e, mesmo assim, eu não era feminista. Mas a vida - e suas permanentes portas abertas a quem aceita mudar e se mudar - fez com que eu percebesse que a desigualdade econômica e social no Brasil atinge de forma muito mais cruel às mulheres.

A vida fez com eu tomasse consciência que aquilo que eu e outras mulheres vivemos não era algo que acontecia com uma de nós, mas com todas nós. Tomei consciência que não era só comigo. Não era só com ela, mas que é com todas.

Uma de nós ser assediada a cada dois segundos, tem nome.
Seremos responsabilizadas pela violência que sofremos, tem nome.
Receber menos salário pelo mesmo trabalho, tem nome.
Estabelecerem padrões físicos doloridos e inalcançáveis para nós, tem nome.
Sofrer violência física, ser assassinada e ouvir que o amor pode matar, tem nome.
Parir e ficar desempregada, tem nome.
Ser invisível na política, tem nome.

A ideia que somos inferiores, menos livres, menos donas de nossos corpos e mentes, menos merecedoras de direitos tem nome. O nome disso é machismo.

E o feminismo não é o contrário do machismo e sua compreensão que as mulheres são inferiores.

Nossa radicalidade esta justo em lutar pela equidade, pelos direitos iguais, pelo nosso direito à vida sem violência, pelo direito à



sermos donas de nossos corpos e mentes.

Somos radicais que acreditamos ser iguais aos homens.

Minha pré-candidatura tem objetivo de colaborar com a busca de soluções para a crise gravíssima que o Brasil enfrenta. Esta eleição é uma oportunidade para discutirmos um projeto de desenvolvimento que retome o crescimento econômico do país, promova a reindustrialização, garanta direitos sociais e individuais e assegure políticas públicas para as mulheres, a juventude, os negros, as periferias, enfim, para a população hoje empobrecida, aviltada em seus direitos e alijada das decisões governamentais. Teremos um programa para o Brasil se desenvolver como nação altiva e soberana no cenário internacional, longe da postura subserviente aos interesses políticos e econômicos de potências estrangeiras que prevalece atualmente. Queremos uma economia que produza riquezas para serem distribuídas ao conjunto da sociedade. É inadmissível que o 1% da elite brasileira representada por Temer e o capital financeiro destrua os 99% formados por mulheres, jovens, negros e outras parcelas que trabalham e produzem a riqueza do país.

Essa é a razão da minha pré-candidatura. Entro na disputa com a

expectativa de levar essas ideias à população e, conseqüentemente, merecer a confiança e o voto dos eleitores nesse projeto de reinvenção do Brasil.

2. O seu partido o PCdoB tem proposto um Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento para o Brasil, qual o papel da educação nesse projeto?

O meu ilustre conterrâneo Leonel Brizola, desde sempre, afirmava que a educação era a principal ferramenta da diminuição da desigualdade social. Eu tenho defendido um pacto nacional para garantir que nenhuma criança ou adolescente, até os 18 anos, esteja fora de uma sala de aula. A educação é central para a retomada do desenvolvimento social e crescimento econômico.

Por isso, achamos que as universidades e os institutos federais também são estruturantes.

Uma das primeiras ações será revogar a Emenda Constitucional 95, que congela os investimentos no setor por 20 anos.

4. Como os jovens se inserem nesse projeto nacional de desenvolvimento?

Não existe país desenvolvido sem amplo investimento na juventude. Tenho uma história ligada à juventude, não só por ter sido líder estudantil, mas porque, durante minha atividade parlamentar, tive iniciativas em favor dos direitos da infância e da juventude. Lembro, por exemplo, que fui relatora do Estatuto da Juventude na Câmara dos Deputados, ocasião em que mantive diálogo com muitos representantes da juventude brasileira.

Com o aumento do desemprego, os salários baixos e a informalidade tendem a afetar mais ainda os jovens. É inadmissível que o 1% da elite brasileira destrua os 99% formados por mulheres, jovens, negros e outras parcelas que trabalham e produzem a riqueza do país. Nossa proposta é recolocar a indústria como setor-chave, aproveitando as inúmeras oportunidades trazidas pela chamada indústria 4.0, com investimentos pesados em ciência, tecnologia e, especialmente, em inovação. Isso permitirá construir laços fortes entre universidades e empresas, gerando oportunidades e incentivando o empreendedorismo.

5. Você foi autora ou relatora de algumas das mais importantes legislações para os jovens na última década, como a regulamentação dos estágios no ensino técnico e superior e o Estatuto da Juventude, entre outros, na sua opinião como esses projetos impactaram na vida dos jovens brasileiros?

Eu quero que as novas gerações assumam, cada vez mais, o papel de protagonistas do seu tempo, que ocupem os espaços de poder, que façam da política um instrumento de transformação social, que se preocupem com a educação e a justiça social, que invistam na criatividade. E a regulamentação da Lei do Estágio e o Estatuto da Juventude são instrumentos para os jovens. No estatuto, que é a carta de direitos para jovens entre 15 e 29 anos, incluímos a concessão de meia-entrada em eventos culturais e esportivos.

A arte, a cultura e o esporte são atividades fundamentais na formação de crianças e adolescentes.

8. Na sua opinião qual é a importância dos jovens nas eleições de 2018?

Com a revolução tecnológica os jovens têm acesso à informação em um volume muito maior que outras gerações. Portanto, passam a ser referência nas discussões sobre o futuro do país. Os reflexos do golpe contra a presidente Dilma são mais cruéis com a juventude, em função da diminuição dos investimentos em educação e do mercado de trabalho com cada vez menos oportunidades. A nação ficou à deriva, a democracia foi abalada e a população está sofrendo duramente com desemprego, violência, desigualdade social, falta de perspectivas.

É vital para a nossa Democracia que a juventude esteja atuante neste período, pois a escolha do projeto que vai governar o país vai ter reflexo direto no futuro imediato. Temos um projeto de desenvolvimento para o país e queremos discuti-lo com a população na campanha, que é um palco apropriado para construir saídas para a crise, uma solução democrática, solidária, humanista e desenvolvimentista. Se queremos a reinvenção do país, é tempo também de reinventar a política, de modo que as ideias transformadoras não fiquem sufocadas pela pouca exposição na TV e pelas velhas formas de marketing. Temos de utilizar instrumentos inovadores de diálogo que despertem na juventude a paixão pelo Brasil e reacendam o interesse pela participação política e social.

